

# Uberização na ribalta



**RODRIGO FONSECA**

Especial para o Correio da Manhã

**E**vocado faz pouco nos palcos do Rio, numa montagem de “Quando As Máquinas Param” sob a direção de Heitor Martinez, Plínio Marcos (1935-1999) deixou como herdeiros espirituais (e éticos) uma leva de exercícios teatrais que hoje salpicam de indignação as paragens do Festival de Curitiba numa exposição da uberização do mundo laboral. Não há emprego... o bom e velho modo CLT. Há empreitadas. Atividades mal remuneradas curtas, sem calções, sem FGTS, que se estruturam, na margem do risco, pelas ruas. Essas novas práticas são o foco dramaturgicamente de “Cabo Enrolado”, uma das peças mais esperadas da reta final do evento nº 1 das artes cênicas nacionais, com sessões prometidas para os próximos dias 11 e 12, no Teatro José Maria Santos.

A realização é da Companhia Graxa, com Julio Lorosh em cena. Sobre os tijolos de uma casa

Espectáculos como ‘Jonathan’ e o esperado ‘Cabo Solto’ levam as estratégias de sobrevivência laboral da periferia para o epicentro da maior maratona teatral do país



Zelu/Divulgação

*‘Cabo Enrolado’ promove um estudo sobre as estratégias de sobrevivência laboral do mundo uberizado*



*‘Jonathan’ se põe entre cascos e ancestralidades*

Roberto Carneiro/Divulgação

em construção vemos a infância de um jovem periférico sendo edificada. Mais tarde, esse mesmo jovem adentra ao mercado de trabalho “livre”, oferecido pelos aplicativos de entrega. Sobre os quadros de sua vida vemos o eco colonial do trabalho no Brasil, sonhos, angústias e anseios da juventude periférica.

As explorações de um mundo pautado entre iFood, o 99, a Uber e afins, foram debatidas em Curitiba, entre a alegoria e o realismo, na montagem “Jonathan”. Exercício decolonial, a peça aborda a biografia de uma centenária

tartaruga, considerada o ser vivo mais antigo vivo na Terra. Paralelamente ao festejo do quelônio, vemos o processo de amadurecimento do jovem do título, às voltas com todas as asperezas de sobreviver em um mundo que o quer submisso. Rafael Souza-Ribeiro é o astro em foco, sob a direção de Dulce Penna. Seu personagem herda o legado de zelar por um animal que é o ícone maior da longínqua ilha de Santa Helena, entre a África e as Américas, onde estampa camisas, bonés e até moedas de 5 centavos. De frente para a criatura centenária, o protagonista descobre que sua missão envolve uma disputa pela memória... e pelo futuro, confrontando legados do colonialismo.

No fim de semana, a maior descoberta de Curitiba se fez aplaudir no Guairão, o Maracanã dos teatros brasileiros: “Na Marca Do Pênalti”, um monólogo confessional egresso de SP, com Walter Casagrande Júnior. O ídolo do Corinthians e da seleção brasileira, que depois seguiu carreira como um dos comentaristas de futebol mais lúcidos e politicamente esclarecidos do país, rasga seu coração em cena. Pela primeira vez num palco, sob a direção de Fernando Philbert, com quem construiu a dramaturgia, Casagrande conta sua história.

## Entre o Bruxo do Cosme Velho e a fé do Vaticano

Onde tem brasilidade – componente essencial ao Festival de Curitiba – tem Joaquim Maria Machado de Assis (1839 – 1908), para nos ajudar a pensar as vicissitudes morais que cercam a construção de nossa identidade, sobretudo sob vetores de violências institucionais. “Pai Contra Mãe”, um conto publicado no livro “Relíquias de Casa Velha”, em 1906, ganhou um novo peso histórico, ao ser utilizado por diversos movimentos contra a intolerância racial – e na academia – como um aríete. Sua frase de abre-alas: “A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais”. Calçado nessa matéria, o Coletivo Negro bolou uma peça que promete sacudir a maratona

cênica paranaense nesta terça e na quarta, no Sesc da Esquina.

“Pai Contra Mãe ou Você Está Me Ouvindo”, escancara o sistema venoso do racismo no fio do Bruxo do Cosme Velho. Em cena, um narrador negro nos conta a história de Zaíra da Conceição - mulher, negra, retinta, grávida - e de Osvaldo - homem, negro, que acabou de se tornar pai. Ela está desempregada e acaba de conseguir emprego em uma rede de varejo. Suas vidas se cruzam em meio às desigualdades e heranças do passado escravocrata das Américas.

Nesta segunda, o Festival de Curitiba recebe ainda, no Guairão, a aguardada “Dois Papas”, cuja dramaturgia se fez conhecer via



Jé Oliveira/Divulgação

*‘Pai Contra Mãe’ é um espasmo machadiano contra o racismo*

streaming, no filme homônimo que Fernando Meirelles fez para a Netflix. A direção da montagem nacional é de Munir Kanaan, com

base na dramaturgia de Anthony McCarten (sob tradução de Rui Xavier), que concorreu ao Oscar de Melhor Roteiro Adaptado pela

produção rodada por Meirelles. O longa tem como gênese a peça “The Pope”, que ele lançou no Royal & Derngate Theatre, em 2019. A trama parte das divergências do Papa Bento XVI, mais conhecido como Joseph Aloisius Ratzinger (1927-2022), com o cardeal argentino Jorge Bergoglio (1936-2025), o futuro Papa Francisco, que planeja pedir aposentadoria, em meio a um potencial processo de sucessão na cúpula do Vaticano. A mudança no comando daquele governo se anuncia quando Ratzinger avalia renunciar ao papado, em meio a pressões crescentes, tornando Bergoglio um sucessor provável. Na peça, Celso Frateschi e Zé Carlos Machado se esgrimam. (R. F.)